

ESCRAVIDÃO E PRÁTICAS RELIGIOSAS NO SERTÃO BAIANO DO SÉCULO XVIII

Aline da Silva Cerqueira¹

A presente comunicação tem por objetivo analisar alguns aspectos ligados à religiosidade dos escravos principalmente no que se refere ao uso da bolsa de mandinga na região do sertão baiano na primeira metade do século XVIII. Partindo da análise de um caso específico, buscamos entender as práticas de crenças religiosas no contexto da escravidão colonial, na tentativa de esclarecer algumas questões a respeito do caráter e do uso dessas bolsas. Inclusive, mostrar como aconteceu a busca pela manutenção da origem religiosa africana, sem esquecer o modo como se reelaborava o catolicismo nos novos contextos coloniais. Devemos seus conhecimentos ao processo inquisitorial nº 502 de João da Silva Curto, que possibilita analisar o imaginário católico construído no espaço colonial. Essas bolsas de mandinga são testemunhas da forma como o catolicismo foi incorporado por determinados grupos de africanos.

Palavras Chaves: Escravidão - Bahia - Bolsa de Mandinga-Inquisição.

Apresentação

Este artigo analisa o uso das bolsas de mandinga ² feitas e utilizadas por um africano³ e seus descendentes, na região do sertão baiano, principalmente na metade do século XVIII. Devemos seus conhecimentos aos processos inquisitoriais que possibilita

1 Graduanda do Curso de Licenciatura em História-UNEB-Campus XIII 10º semestre. Este artigo é fruto de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida, desde o segundo semestre de 2009 através do projeto A inquisição portuguesa no sertão baiano: O clero e os africanos, tendo a orientação da professora Dr^a. Vanicléia Silva Santos.

2 As bolsas de mandingas eram amuletos confeccionados ,nos quais estavam inseridos diversos elementos designados á proteção do corpo “o talismã ou bolsa de mandinga refere-se ao ponto de vista da magia. Fluidos benéficos emanavam dos objetos contidos dentro das bolsas”. A designação do nome Mandinga deriva, Malinkê eram os povos que habitavam um dos reinos mulçumanos do vale do Níger por volta do século XVIII. A esse respeito ver, entre outros, SOUZA, Laura de Mello, **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade no Brasil** p.295, SANTOS, Vanicléia Silva. **As bolsas de Mandinga no espaço Atlântico Século XVIII**. Tese de doutoramento, USP. p.183

analisar o imaginário católico construído no espaço colonial. Essas bolsas de mandinga são testemunhas da forma como o catolicismo foi imposto, sendo incorporado por determinados grupos de africanos.

A primeira estudiosa a perceber os sentidos embutidos na religiosidade popular e as feitiçarias nas colônias da América Portuguesa foi Laura de Mello e Souza, percebendo a significação do uso de amuletos e compreendendo a colônia como lugar onde se cruzavam e se reelaboravam níveis culturais diversos, influentes de um longo processo de sincretização.⁴

O projeto missionário de conversão à religião católica, também foi disseminado no interior das colônias portuguesas. A missão catequética de transformação religiosa propiciou o pensamento místico, voltado para a proteção dos “males da terra”, formulando os temores demoníacos na mentalidade de muitos escravos e dos próprios colonizadores do Novo Mundo.

O uso das bolsas de mandinga se tornava a prática mais tipicamente colonial de feitiçaria.⁵ Por sua expansão e popularidade no Brasil colônia, sendo a mais sincrética das práticas, apresentando uma grande significação simbólica. Essas informações do uso de bolsas de mandingas podem ser analisadas através do processo inquisitorial do africano João da Silva, proporcionando um olhar aos valores culturais existentes no seio do sertão baiano na primeira metade do século XVIII.

A investigação e interpretação do processo inquisitorial permitem entender a mentalidade européia, levando em consideração aspectos do catolicismo, fruto dos processos de constituição de novas formas culturais e religiosas, que seguiu o desbravamento dos mares, sendo o projeto missionário a conversão de todos os povos.

3 O caso específico se refere ao processo de João da Silva Curto n °502. Esse processo faz parte dos conjuntos de documentos dos T.S.O.Arquivo Nacional da Torre do Tombo

4 SOUZA, Laura de Mello, op.cit p.256.

5 Ibidem.

Tensões entre o pensamento laico e religioso, entre o poder de Deus e do Diabo, embates entre o bem e o mal marcaram concepções diversas a respeito do Novo Mundo, na mentalidade do século dos séculos XVI – XVIII, o plano religioso ocupava lugar de destaque, mostrando-se presentes nos mais diversos setores da vida cotidiana e colonial.

A recriação do catolicismo pode ser identificada nas novas formas culturais criadas pelos africanos de origem. A análise das bolsas de mandinga usada por negros no sertão baiano é o que proponho a seguir. Porém para interpretar esse objeto mágico religiosos é necessário entender o contexto social e cultural, fazendo referências aos aspectos da visão de mundo dos grupos de africanos, forros e portugueses que expressaram as suas religiosidades ao longo dos séculos.

O Catolicismo africano de João da Silva Curto na mira dos inquisidores

No ano de 1750, o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, deu início a um processo contra o escravo africano João da Silva, também chamado o “Curto”. Esse episódio ocorreu no sertão da Bahia, precisamente na vila de Santo Antônio de Jacobina. João da Silva, natural da costa de Luanda, de mais ou menos trinta anos de idade, escravo de Manoel Correa do Lago, morador da freguesia do Olho do Peixe, distrito da Vila de Santo Antônio de Jacobina, no Sertão baiano, era acusado de usar “diabólicas” bolsas de mandingas.⁶ Ele foi denunciado, julgado e condenado.

João da Silva Curto veio da Costa de Luanda, reino de Angola, na África, por volta de 1734. Ainda criança desembarcou como escravo na América, como tantos outros escravos descobriram o Novo Mundo na Bahia, e depois foi levado para a fazenda do Olho do Peixe, no Sertão Baiano. O escravo teve sua iniciação cristã ainda em sua terra de origem. Ele conhecia a doutrina do cristianismo por ser batizado e crismado, se

⁶ Talismãs usados pelo escravo João da Silva. Preso pelo tribunal do Santo Ofício acusado de feitiçaria. Os usos das bolsas de mandingas eram proibidos pelo cristianismo.

confessava e sabia rezar a Salve Rainha, Ave Maria e o Pai Nosso.⁷ João chegou ao Brasil vindo da África centro-ocidental marcado pela vivência com o catolicismo europeu.

Tornou-se vaqueiro e mineiro (por ser a região em que habitava possuidora de um grande fluxo de riquezas minerais e ouro). Seu trabalho era permanente na região de Jacobina. O africano ganhou de presente uma bolsa de mandinga, que escondeu do seu senhor Manoel Corrêa. João usava a bolsa de mandinga para se proteger dos males daquela terra, mas dizia que não sabia o que havia dentro. Ele contou o fato a Manoel da Silva, agregado da fazenda vizinha, salientando que era dono de tal bolsa, a qual recebera de outro escravo. A partir desse momento, o que era segredo, tornou-se público e logo a notícia da existência da bolsinha de mandinga disseminou-se pela localidade. O padre João Mendes tratou de investigar, atuando o africano em flagrante com a bolsinha nas mãos.

A ordem de prisão do Tribunal do Santo Ofício tem a data de 4 de setembro de 1750. As diligências foram feitas e o acusado terminou sendo recapturado, tornando-se réu do Santo Ofício. Ele voltou, mais uma vez, a atravessar o Oceano Atlântico, agora sob o jugo de outra condenação e obrigado a seguir as tramas da jurisdição do mundo europeu. Enfrentaria, além do mundo do cativo, o temido julgamento nas mãos dos inquisidores da Santa Fé Católica. Essa prerrogativa causava medo a muitos homens e mulheres daquela época.

A acusação maior era que o escravo desobedecera aos critérios da fé estabelecidos pelos cristãos, e suspeito ser portador de patuás para invocar demônios. Esse imaginário eclesiástico era uma motivação jurídica do Santo Ofício para criar um modelo de acusação que pudesse colocar o escravo em julgamento. Realmente, podemos afirmar que o papel específico da Inquisição era perseguir qualquer herege, que insistisse em crenças diferentes e desviantes dos dogmas católicos.

O catolicismo de João estava, na realidade, calcado em um ensinamento do medo aos demônios, na visão do inferno e de seres malignos que andavam pelo mundo. Para

⁷ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Processo nº 502

ele, a bolsinha de mandinga era um meio de se aproximar dos poderes sobrenaturais e de ganhar proteção, inclusive de ter mais coragem para enfrentar uma terra marcada pela opressão. As bolsas de mandinga, feitas e utilizadas por africanos, incorporavam elementos simbólicos de origem diversa, abrindo possibilidades para muitas leituras.

Bolsas de Mandinga: Objeto-religioso do catolicismo negro no Sertão Baiano.

Temos de levar em conta aqui, ser de suma importância entender os mais variados aspectos da interiorização colonial, para que possamos perceber a história do sertão baiano e as suas formas de povoamento. A partir do ano de 1551, o rei D. João III e o Papa Júlio III criaram o primeiro Bispado do Brasil. A criação da diocese da Bahia proporcionou a abertura de três pequenas vilas: Nossa Senhora da Vitória, a Sé e a de São Jorge de Ilhéus.⁸ Com o aumento da interiorização da colônia foram surgindo vilas, povoados e expandindo-se o comércio. A partir daí, tornou-se visível os conflitos entre colonos e jesuítas, devido aos aldeamentos indígenas, fatores que levaram ao alargamento da fé católica e à colonização do sertão.

A descoberta de ouro em Jacobina e o aumento da criação de gado possibilitaram grande entrada de pessoas, principalmente de escravos vindo da África. Eles foram enviados para essas vilas e fazendas. A vila de Santo Antônio de Jacobina ficava situada ao noroeste da Bahia e não estava isolada. Localizava-se em lugar estratégico e importante: era caminho para transporte de gado e ficava próximo ao rio São Francisco. Além disso, a vila era possuidora de um grande fluxo da mineração baiana de ouro. O primeiro ouvidor-mor nomeado por El Rei foi dom Manoel da Fonseca Brandão, o qual tornou a vila de Jacobina sede da comarca responsável por todo o norte da capitania da Bahia.⁹

⁸ Vanicléia SANTOS, Op.cit p. 134

⁹ MOTT, Luiz. Quatro Mandingueiros de Jacobina na Inquisição de Lisboa. Salvador, **Afro - Ásia**, n. 16, pp.149-62, 1995.

A visão eclesiástica do Novo Mundo e das gentes que o habitavam tinha como marca a religiosidade e ligação direta com mitos e superstições. Assim, todas as imagens que permeavam o pensamento dos europeus, entre os séculos XV e XVI, acabaram sendo associadas à realidade do Novo Mundo. As idéias de bem e mal, de Paraíso e Inferno, conduziram à crença de pacto diabólico. No entanto, o mandingueiro de Jacobina declarou que carregava a bolsa para se defender dos males da terra. Disse que não sabia o que tinha dentro da bolsa, mas que estava livre do mal quando carregava a bolsinha, porque nunca lhe acontecera nada de ruim. Essa crença do negro de Jacobina foi interpretada como desviante dos dogmas cristãos e, na visão do Santo Ofício, era um pacto diabólico, o que dava razão às denúncias feitas pelo vigário João Mendes.

A história do uso da bolsa de mandinga no sertão baiano se diferencia de muitas outras práticas supersticiosas dos escravos, os quais usavam determinados “feitiços” para atingir os seus senhores ou causar malefícios a alguns outros escravos. O problema da intolerância do vigário deu-se por presente após ele ter percebido a existência de alguns elementos cristãos como fragmentos de hóstia consagrada e de orações com “sinais estranhos”. Isso, portanto, gerou suspeitas ao padre, de que o escravo fazia algum pacto com o demônio.

Notamos que o uso da bolsa de mandinga predominava como um pensamento mágico comum a brancos, escravos, crioulos, forros, padres, africanos, envolvidos no contexto. Apesar da escravidão ser um fator de separação entre essas pessoas, elas compartilhava dos mesmos anseios.¹⁰ Deus era o poder central para oferecer continuidade às suas vivências em um mundo e em uma terra desconhecida. Nesse contexto, interpenetrava-se uma significação cultural, pois os valores circularam entre os grupos, apesar de serem distintos.¹¹

10 Vanicléia SANTOS, Op.cit. p. 232. Menciona as relações estabelecidas entre os escravos, crioulos, e colonos. Observando as características do catolicismo vivenciado, no sertão baiano e como as bolsas de mandinga era cultuada como símbolo sagrado de proteção.

11 As testemunhas que o processo inquisitorial de nº 502 do escravo João da Silva possibilita interpretar que muitos indivíduos moradores da Vila de Jacobina e distrito estavam envolvidos no uso das bolsas de mandinga ou conheciam as práticas de uso.

Também, no interior da colônia Portuguesa, os amuletos eram chamados a intervir na vida de homens, sendo o catolicismo praticado pelo povo permeado de antigas crenças e rituais. O catolicismo em evidência no século XVIII estava compreendido a uma grande parte de pensamento mágico, mostrando as forças divinas atuando nos assuntos da vida cotidiana, ou seja, fazendo uma intermediação entre os homens e Deus.

A análise dos processos inquisitoriais envolvendo os negros no sertão da Bahia,¹² acusados de feitiçaria, mostra que existia uma solidariedade entre os escravos e que essa solidariedade independia da origem do africano.¹³ Percebemos estreita relação entre forros, africanos e crioulos, bem como a busca de significados culturais e religiosos semelhantes, e capazes de atender às necessidades. Essa foi a linguagem simbólica. A religião cristã tornou-se um espaço meio privilegiado que os africanos tiveram para estabelecer novos laços de identidade e solidariedade no mundo escravista.¹⁴

Entendemos que os usos dos amuletos eram uma forma de proteção dos escravos para viverem resguardados dentro de uma sociedade considerada por eles perigosa e cheia de estigmas. Podemos salientar que era, simplesmente, uma forma africanizada de aderir ao mundo dos brancos, visto que o catolicismo doutrinado aos negros, colonos e nativos caracterizou-se pelo medo aos demônios que habitavam o imaginário desses

12 Processos inquisitórios dos negros presos no sertão da Bahia. Arquivo nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa. Processos nº508-Jose Martins. Processos nº11. 31 Matheus Pereira. Processo nº11. 34 Luiz Pereira.

13 Esse conclusão encontra-se na tese de doutorado SANTOS, Vanicléia, “**As bolsas de Mandinga no espaço atlântico**”. A autora apresenta outros processos, de negros que foram presos no sertão baiano evidenciando que circulavam entre os grupos de crioulos forros escravos valores culturais semelhantes, cheios de significações religiosas. Os Processos dos escravos presos na Vila de Jacobina possibilitam perceber essa teia de relações imbuída no uso das bolsas de mandinga.

14 Op. cit. p.130

povos. Sendo assim, os africanos buscaram vários elementos de suas culturas para se aproximarem dos preceitos sublimes do catolicismo. Isso como uma forma de proteção.

São Marcos te marque + Jesus Cristo se a bande o espírito santo se a humilde a minha vontade as 3 pessoas da santíssima trindade, te confirme ao meu querer. Se tu me vires, mirai-me, e se tu me não vires por mim suspira, hóstia consagrada + em teu coração + em carne viva esteja e morais tu por mim ,assim como meu senhor Jesus Christo morreu na cruz, sendo Deus antes. Na casa, fiz com contas que estas+ assim terei eu parte contigo que pode deus acabar tudo quanto quer, assim acabarei em tudo quanto quiser.Com a arma de São Jorge ando armado. Não serei preso e nem tomado e nem meu sangue derramado e nem minha palavra retraída e nem meu coração afrontado. Andarei de dia e de noite com alegria. Assim como ando meu senhor Jesus Cristo nove meses no ventre da Virgem Maria mãe santíssima. Valha-me hóstia consagrada a testa valha-me Jesus na boca. Valei-me. Meu senhor Jesus cristo na cruz encravado. Valei-me Jesus na boca da virgem Maria Rainha, eu vos peço cinco poder (?), com cinco Ave Maria, com cinco Gloria ao Pai oferecido a morte e paixão de Cristo (?)Eu vos peço por aquele culana(?) em que foste amarrado meu corpo, meu corpo não será ferido nem maltratado de meu inimigo , nem meu sangue derramado no chão e nem meu inimigo terão mão para mim e as espingardas não tomara ogo,(?) migra uma para ouvir a missa , eu vos peço meu divino sagrado e nem face entrará no meu corpo. Caminharei dia e noite.¹⁵

Nessa oração pode se perceber que havia vários elementos trazidos pelo escravo dentro da bolsa de mandinga e que tinha relação direta com o catolicismo. A exemplo da oração de São Jorge, orações da hóstia consagrada e os desenhos contidos, como as vinte cruzinhas com pontas e quatro pentagramas, e mais adiante do texto mais três pentagramas e uma pequena cruz. Portanto havia a influência do catolicismo na crença do escravo.

A oração que estava na bolsa de mandinga, anexada ao processo de João da Silva, deve ter sido escrito por uma pessoa letrada, mas o escravo dizia não saber quem o escreveu. Ele ainda argumentou que ganhara a bolsinha de outro escravo de nome Manoel, que vivia na fazenda dos padres Luiz da Rocha e Manoel da Rocha, moradores do Rio dos Cágados, nos campos de Jacobina.

15 Processo de João da Silva. Oração contida na bolsa de Mandinga.

A oração que estava na bolsa de mandinga, anexada ao processo de João da Silva, deve ter sido escrito por uma pessoa letrada, mas o escravo dizia não saber quem o escreveu. Ele ainda argumentou que ganhara a bolsinha de outro escravo de nome Manoel, que vivia na fazenda dos padres Luiz da Rocha e Manoel da Rocha, moradores do Rio dos Cágados, nos campos de Jacobina.

Os demais elementos contidos na bolsinha de mandinga, principalmente os fragmentos das hóstias consagradas, eram utilizados como elementos mágicos. De acordo com Laura de Mello e Souza essa era uma prática mágica que conferia força e poderes sobrenaturais, fechando o corpo às agressões. A historiadora ainda afirma que foi por volta do século XVIII que tudo isso se enraizou na colônia, fundindo-se à prática já em uso.¹⁶

Marina de Melo e Souza argumenta que, junto com os escravos e mercadorias também vinham da África, mais especificamente da região do Congo e de Angola, diversas maneiras de lidar com as coisas deste e do outro mundo. Ela ainda salienta que a adoção do catolicismo foi uma forma de integração dos africanos e seus descendentes à sociedade escravista. Os escravos tinham formas bastante particulares de vivenciar a religiosidade e de reinterpretar símbolos, ritos e dogmas a partir da sua cultura de origem.¹⁷ Portanto, precisamos considerar, para um melhor aprofundamento neste estudo, que muitos africanos desembarcados na Bahia, entre os séculos XVI a XVIII, eram oriundos da África centro-ocidental, a exemplo de João da Silva, que veio do reino de Angola marcado pela experiência do cristianismo católico.

Vários sistemas religiosos cristãos possuem, em sua grande parte, a crença que certos objetos podem armazenar poderes sobrenaturais e serem utilizados na vida cotidiana como fonte de proteção e bem-estar. Com o cristianismo não foi diferente. A Igreja investiu no poder mágico dos santos e das suas relíquias. Na África nos primeiros

16 Laura SOUZA Op. Cit p..295

17 SOUZA, Marina de Mello Santo Antonio de nó –de- pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n°11, pp.171-188.

tempos da cristianização, cruzeiros e santos cristãos foram chamados de *minkisi* pelos próprios missionários que aportavam no universo religioso bacongo.¹⁸

A historiadora Marina de Mello e Souza no seu artigo *Catolicismo Negro no Brasil: Santos e Minkisi, Uma Reflexão sobre Miscigenação Cultural* afirma que:

(...) Mas mesmo em celebrações católicas as comunidades negras produziam elementos que chocavam e incomodavam o grupo senhorial e principalmente alguns observadores estrangeiros, que não estavam acostumados com as mestiçagens que se iniciaram com os primeiros contatos, ainda na África, e se intensificaram na sociedade colonial americana.¹⁹

O processo de João da Silva revela quão cotidiana era a presença do sincretismo africano na sociedade colonial. O uso de amuletos misturava as devoções cristãs a elementos dos mais diversos da África. No seu processo, muitas testemunhas incriminaram o escravo. Podemos, no entanto ver, através do processo, que essas testemunhas também apreciavam o uso das bolsas de mandingas e concordavam em tê-las desde que existissem elementos do catolicismo alojados nas bolsas, ainda que soubessem que iam de encontro aos dogmas cristãos.²⁰

As testemunhas acusavam o escravo e diziam saber, por ouvir falar, que o negro era possuidor de uma relíquia consagrada para se livrar dos males da terra onde vivia na escravidão, e que praticava comportamentos desviantes dos dogmas cristãos. Como João da Silva morava em um pequeno distrito e não na vila de Jacobina, a notícia se

18 Idem - “Povo banto, chamado também de tio, habitantes da margem direita do rio Zaire, na altura do Largo Malebo, e com o qual os bacongos mantinham comércio desde antes da chegada dos portugueses, no século XV”.

19 Souza, **Catolicismo Negro no Brasil: Santos e Minkisi, Uma Reflexão sobre Miscigenação Cultural**. Disponível: http://www.fflch.usp.br/dh/pos/hs/images/stories/docentes/MarinaSouza/afroasia_n28_p125.pdf. Acesso 18 de março de 2010. p. 140.

20 Vanicléia SANTOS, Op.cit. p.134.

espalhou pela redondeza. Temos como exemplo Tereza, a mulher casada que disse saber da existência da bolsa, porque o africano foi até a sua casa e mostrou a ela a relíquia consagrada.

As testemunhas argumentaram de forma bem precisa, dando detalhes sobre a prática do uso das bolsas de mandingas. O perfil dos denunciante envolvia um total de 12 testemunhas, que eram as seguintes: 11 homens e uma mulher, entre advogados, sacerdotes, meirinho, intendentes, sapateiro e outros. Cinco eram de homens casados, quatro solteiros, três sacerdotes, com idades entre 20 a 60 anos. Analisamos também que as testemunhas, além de serem brancas, exerciam cargos administrativos, clericais, jurídicos ou eram comerciantes.

Observamos que muitos vivenciavam as práticas mágicas desenvolvidas na colônia e entendiam essa complexa relação entre negros, brancos e crioulos, e, apesar das diferenças sociais, econômicas todos viviam nessa teia de relações. Conclui-se em nosso estudo que tais pessoas conheciam e também utilizavam essas práticas das bolsas de mandinga, que tinha se instalado na colônia.

O fato de haver estreita relação entre o universo colonial e o uso das bolsas de mandinga não quer dizer que seu porte fosse privativo de escravos e colonos. Muitos brancos nascidos e criados na Metrópole aderiram o costume desde cedo.²¹

A partir do pensamento da autora e do processo judicial de João da Silva, é contundente afirmar que havia relações entre os grupos, principalmente no que se refere aos traços culturais comuns. Muitas das pessoas, envolvidas no contexto colonial aderiram ao uso das bolsinhas de panos ou couro, marcadas por elementos que direcionavam a miscigenação cultural.

A cultura do uso das bolsas de mandinga como a de João da Silva era resposta a um preceito religioso, tendo como projeção a salvação da alma. Assim, os amuletos

21 Laura, SOUZA op.cit. 286

eram como um amparo no mundo do cativo, buscando nesses elementos naturais uma intencionalidade benéfica. Portanto, as práticas do uso das bolsas de mandinga no sertão da Bahia, era tal e qual um símbolo de poder.

(...) Nesse sentido, o argumento é que os negros marcados pela heterogeneidade cultural e pela crioulação demográfica e cultural da sociedade em que estavam inseridos no contexto escravista praticavam a religião dos senhores e dos agentes da igreja. Os negros ressignificaram os objetos cristãos mágico-religioso, a luz de sua cultura de origem, buscando proteção do mundo sobrenatural nas bolsas de mandingas, principalmente soluções para o problema deste mundo.²²

A plasticidade e a incorporação de muitos elementos nas bolsas de mandinga eram algo constante no sistema de expressão religiosa. “A religiosidade centro-africana buscava novos ritos e novos espíritos e era aberta a incorporá-los a partir de outras tradições e outros sacerdotes”²³. Por esse pensamento, entendemos o uso dos amuletos como um mecanismo de sobrevivência para os negros escravos vivenciarem as suas práticas mágicas.

Assim, as pequenas bolsas de mandinga são exemplos de produtos culturais formados no circuito que uniu Portugal, África, Brasil. São pistas para entender aspectos da vida dos homens e mulheres que viviam no interior colonial do século XVIII.

Os interrogatórios intimidadores e as admoestações que constam no processo do africano permitem entender a necessidade do réu em modificar suas confissões apenas para se livrar das pressões possuídas no Tribunal do Santo Ofício. As várias

22 Vanicléia, SANTOS. Op.cit. pp.158 a 159.

23 CRAEMER, Willy de; VASINA, Jan; FOX, Renée C. Religious Movements In central Africa: A Theoretical Study Comparative **studies in society and History**, **Cambridge: Cambridge** University Press. V. 18 n.4 p.458-475, op.cit. 1976. Apud. MARCUSSI, Alexandre Almeida. Ritual nas Minas Gerais do século XVIII: Os Calundu de Luiza Pinta.

admoestações eram argumentos que muitas vezes levavam o réu a uma confissão de culpa inexistente.

O Santo Ofício português atuou no episódio do mandingueiro de Jacobina, acatando a denúncia do padre João Mendes. As denúncias de um fato feitas à Inquisição eram por meio de um fiel, que devia levá-las ao conhecimento do tribunal do Santo Ofício. Assim as denúncias eram averiguadas, o que não foi diferente no caso do escravo tomado como suspeita de feitiçaria e pacto diabólico.

Muitos foram os moradores da Bahia que tiveram seus nomes nos diferentes livros de denúncias e de confissões. Segundo Luiz Mott, foram localizados 235 baianos, portugueses e africanos, todos residentes na capitania que chegaram a ser sentenciados, e metade foram encarcerados em Lisboa²⁴. Entre esses africanos condenados pelo Santo Ofício encontramos o episódio de João da Silva, e a condenação aludindo às práticas de mandinga.

Já no interior colonial do sertão baiano, precisamente na vila de Santo Antônio de Jacobina comparando com outras localidades da colônia foram poucos.²⁵ os casos de processos e denúncias. Porém, esse episódio apresenta-se com destaque ao confirmar a tendência do clero e da população branca em demonizar os negros.

A cristianização é uma das maiores justificativas para a escravidão dos povos africanos. Os portugueses cristãos instalados no sertão baiano também tinham preocupação com a doutrina cristã e disseminavam certas obrigatoriedades, tais como o ensino religioso, o qual ficava sob responsabilidade dos senhores branco. Os negros também participavam das missas e orações para a “salvação das almas” que ocorriam no local onde viviam como escravos.

24, Luiz. MOTT .Op.cit pp.149-162

25 Ao se referir poucos casos estamos direcionando ao episódio do sertão baiano; da vila de Santo Antonio de Jacobina. Consta no Arquivo Nacional da Torre do Tombo os Processos de apenas cinco negros presos nessa localidade. A pesquisa que está sendo realizada, ainda não encontramos documentos além desses, outros casos de negros processados pelo tribunal do Santo Ofício.

Diante do exposto, concluímos este artigo propondo uma nova reflexão quanto ao uso dos amuletos no interior do Brasil colonial. Talvez seja interessante pensar esse acontecimento do sertão baiano, não como um caso isolado dos demais ocorridos em outros lugares menos longínquos das igrejas erguidas. Mas sim como um acontecimento significativo para o contexto da sociedade luso-americana, sobretudo no que concerne ao interior da Bahia colonial.

Esta proposta de pensar o uso das bolsas de mandinga por africanos possibilita enxergar um mundo diferenciado, já que esses amuletos adquirem dimensão muito maior do que as outras variadas formas de feitiçaria, quando interpretados no conceito de cultura africana. Sobre esse prisma o tema ganha destaque por serem esses amuletos formadores de uma religiosidade sincrética. A escolha dos elementos compostos na bolsa de mandinga certamente tinha um significado de força no que se refere às expressões religiosas africanas.

É importante enfatizar a relevância desses estudos, porque eles possibilitam entender o “nascimento” das religiões afro-brasileiras principalmente naquilo que se alude ao sertão da Bahia, revelando com riqueza os discursos e as maneiras como os escravos vivenciaram a religiosidade em um mundo marcado por muitos caminhos da busca pelo paraíso terreno como mandava a doutrina católica.

Concluímos enfatizando que o escravo João da Silva reproduziu no âmbito da religião aspectos interligados entre o cristianismo e as suas origens, uma vez que se relacionava entre as crenças das bolsas de mandinga e as representações feitas na voz do vigário e no altar sagrado da religião católica. Nesse aspecto, o problema referente a João da Silva não diferiu dos de outros tantos africanos que chegaram ao Novo Mundo, imbuídos de uma fé cristã e das expressões vivenciadas nas suas origens comuns. Portanto, entre a escravidão e as expressões religiosas, crenças e magia, revela-se a experiência de um tempo marcado pela contradição.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luis F. **O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul.** São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

CRAEMER, Willy de; VASINA, Jan; FOX, Renée C. Religious Movements In central Africa: A Theoretical Study Comparative **studies in society and History, Cambridge: Cambridge University Press.** V. 18 n.4 p.458-475, op.cit. 1976. Apud. MARCUSSI, Alexandre Almeida. *Ritual nas Minas Geria do século XVIII: Os Calundu de Luiza Pinta.*

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Trad. Betânia Amoroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 16ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

MOTT, Luiz. Cotidiano e Vida Religiosa: entre a capela e o calundu. *In.:* SOUZA, Laura de M. (org.). **História da Vida no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa.** São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

_____. Quatro Mandingueiros de Jacobina na Inquisição de Lisboa. Salvador, **Afro - Ásia**, n. 16, pp.149-62, 1995.

_____. A Vida Mística e Erótica do Escravo José Francisco Pedreira 1705-1736. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 92/93, 1988, pp.85-104.

MARCUSSI, Alexandre Almeida. Estratégias de medição simbólica em calundu Colonial **Revista História**, FFLCH/USP n.155, pp.97-124, 2006.

_____. Estratégias de medição simbólica em calundu Colonial **Revista Brasileira de História**, FFLCH/USP n.155, pp.97-124, 2006

NOVINSKY, A. **Cristãos-novos na Bahia: a Inquisição.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

SANTOS, Vanicleia Silva. **As bolsas de Mandinga no espaço Atlântico Século XVIII.** Tese de doutoramento, São Paulo: USP 2008.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____ ***Inferno Atlântico***: demonologia e colonização (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. Rio de Janeiro, **Tempo**, n. 11, pp.171-88, 200

_____ Catolicismo Negro no Brasil: Santos e Minkisi, Uma Reflexão Sobre Miscigenação Cultural. Salvador, **Afro-Ásia**, n. 28, 125-146, 2002.

SOUZA, Marina de Mello & VAINFAS, Ronaldo. Catolicização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. Rio de Janeiro, **Tempo**, vol. 3, n 6, pp. 95-118, 1998.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Para além das Almas: Comissários Qualificadores e Notários da inquisição Portuguesa na Bahia. (1692-1804)**. Tese de doutoramento, Salvador UFBA, 2009.

VAINFAS, R..et. al. (Org.). ***A Inquisição em xeque***: temas, controvérsias, estudos de caso. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

_____ (Org.). **Confissões da Bahia**: santo ofício da Inquisição de Lisboa. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 (Retratos do Brasil).